

Resenha do livro:

LOSURDO, Domênico. Fuga da História? As revoluções Russa e Chinesa vistas de Hoje. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2004.

Resenha por:

Sidemar Presotto Nunes*

Para o autor, na análise das experiências do século passado, a grande maioria dos que se intitulam socialistas adotam a perspectiva dos vencedores, concordam que se tratou simplesmente de um desastre, sem reconhecer os avanços. Losurdo considera que esta perspectiva é autofóbica e que encontra outros paralelos na história, como é o caso dos judeus e negros que passaram a adotar este tipo de perspectiva e a negar sua própria história de luta.

A autofobia resulta de e na negação da própria história e na proposta de construção de um socialismo totalmente novo, desvinculado das experiências históricas, já que aquele produziu resultados indesejados. Para o autor, os socialistas deveriam vencer a autofobia e estudá-las à luz do materialismo histórico.

Para a construção do novo socialismo, os socialistas de hoje indicam a necessidade de se voltar aos clássicos (Marx e Engels), autores que não participaram efetivamente dos processos revolucionários, ou aos mártires (Gramsci e Che). Em relação aos primeiros procede-se um culto formal e em relação aos últimos afirma tratar-se de uma perspectiva quase religiosa, pois destaca as virtudes de ser mártir.

O livro trata da necessidade de se estudar as experiências históricas do socialismo, de forma a construir um entendimento próprio, distinto daquele produzido pelos vencedores da Guerra Fria, que é o que ocorre atualmente.

O autor afirma que as categorias autoimplosão (do bloco socialista), falência e traição são insuficientes para explicar o que de fato ocorreu, além de serem personificantes. Este tipo de abordagem resulta que na prática pode-se concluir que este seria também o destino de qualquer projeto de emancipação social.

O bloco socialista sofreu uma série de contingências, ameaças de ataques e até mesmo ataques, de forma que não é possível analisar as experiências por elas mesmas, mas pela relação que estabeleciam com o bloco capitalista.

Destaca a necessidade de se estudar as experiências a partir da realidade concreta em que se encontravam, no seu devido contexto histórico considerando as contingências e os mecanismos militares, econômicos e ideológicos adotados pelo bloco capitalista, e não de um plano ideal. As ameaças de uso de armas nucleares, por exemplo, foi constante ao longo do século passado – a partir da II Guerra Mundial, o que obrigou China e a URSS fazer concessões.

Afirma que a Guerra Fria foi de fato a III Guerra Mundial, da qual os EUA e o bloco capitalista saíram vencedores.

Destaca a necessidade de se analisar a experiência chinesa, não simplesmente tomar como verdade o que nos é apresentado. Para o autor, a China foi crucificada pela esquerda. No entanto, pergunta: seria possível, dentro do quadro histórico em que se encontravam, baixo desenvolvimento das forças produtivas, isolamento político e constantes ameaças (incluindo a nuclear), isolar-se ainda mais, no sentido de produzir um socialismo autônomo? Seria possível prescindir do desenvolvimento tecnológico disponível?

A China optou por um desenvolvimento em que o Estado controla setores da economia, ao mesmo tempo em que abre outros ao capital internacional, como forma de

viabilizar o acesso ao desenvolvimento tecnológico. O autor defende certa autonomia da superestrutura em relação à infraestrutura e cita Mao-Tse-Tung para defender esta posição (a possibilidade da política controlar a economia capitalista).

Losurdo afirma que o objetivo principal do socialismo é o desenvolvimento das forças produtivas, que é o que passou a ser buscado pela China. O autor afirma também que o destino do país não está dado, que não se poderia considerá-la simplesmente como capitalista, sem análise devida sobre o que ocorre naquele país.

Pontos fracos ou insuficientes

O livro se caracteriza como uma coletânea de textos produzida para dialogar com a “Refundação Comunista Italiana”, de forma quase enciclopédica. Daí resulta que capítulos destinados a temas importantes são pouco desenvolvidos e em conclusões muito rápidas. Por exemplo, a relação entre política e economia é desenvolvida em apenas uma página (p.77-78).

O autor também não distingue Estado de administração da economia, por isso questiona a possibilidade do fim do Estado, o que o leva a aproximar o marxismo ao anarquismo. A análise correta deveria ser sobre as funções repressivas do Estado, não da forma de planejar e distribuir os bens necessários.

O autor insiste na afirmação da autonomia da superestrutura em relação à infraestrutura para analisar a experiência chinesa. No entanto, não há uma demonstração clara para afirmar que isto esteja ocorrendo naquele país, ou seja, que o Partido Comunista Chinês teria autonomia sobre a esfera econômica.

A análise sobre a China, mas também sobre a URSS, foca demasiadamente nos aspectos ideológicos. O autor atribui pouca importância à economia, em detrimento da luta ideológica. Em diversos momentos faz questão de afirmar essa independência da política em relação à economia, afirmando também que o fim do socialismo soviético se deveu não a problemas econômicos, mas políticos.

O livro não apresenta análise propriamente econômica, que deveria ser a base de uma abordagem marxista. Falta também a análise da estrutura de classes nos países estudados. Categorias como classes e lutas de classes não são utilizadas, apenas luta pela hegemonia. Ou seja, Losurdo apresenta uma importante contribuição ao destacar os aspectos externos, o que é extremamente importante, mas falha na análise da luta de classes interna, já que nestes países as classes sociais não foram eliminadas e até mesmo se desenvolveram.

É importante lembrar que durante a II Guerra Mundial o Estado soviético fez algumas concessões aos Kolkhozes (que é um tipo de propriedade coletiva, mas não social), permitindo que os camponeses se tornassem proprietários de suas residências e cultivassem parte da área para o consumo próprio e para o livre mercado.

Os anos seguintes foram marcados pela disputa pela ampliação da propriedade privada do parque de máquinas agrícolas, o que acabou ocorrendo mais tarde. Na esteira desta mudança outras aconteceram, não somente na agricultura, mas também no âmbito das empresas estatais, que passaram a ter mais autonomia em relação ao planejamento central. Fruto desta relação entre a dinâmica externa e interna, as classes sociais foram sendo recriadas na URSS e, com elas, os interesses de classes.

Observações gerais

Apesar das deficiências, bastante acentuadas, o trabalho contribui para colocar em discussão as experiências socialistas, com o propósito de desmitificá-las.

O autor afirma a necessidade de se preservar a memória e destacar os aspectos positivos dos processos revolucionários como tarefa a ser cumprida no momento atual. Normalmente enfatiza-se os erros ao invés dos avanços. Para Losurdo, Marx e Lênin, por exemplo, identificaram positivamente na Comuna de Paris, que durou pouco mais de um mês, entendendo-a como processo de aprendizado, enquanto atualmente os socialistas desprezam 80 anos de história.

Losurdo cita autores insuspeitos (não comunistas) para fazer sua análise e demonstrar seus argumentos. Utiliza também, como recurso didático, confrontar fatos ocorridos no âmbito das experiências socialistas com aqueles dos países capitalistas, de forma a colocar lado a lado como soluções políticas foram tomadas ao longo da história.

No que se refere ao internacionalismo universalista abstrato que Losurdo critica, pode-se concluir que há necessidades de se articular o nacional ao universal, já que a luta de classes ocorre no âmbito internacional, mas os problemas são sentidos no âmbito nacional. Todos os processos políticos organizativos devem, ao mesmo tempo, articular o nacional com o internacional, desde o início, de forma a não resultar em abstração universalista.

A luta anticolonial é o traço marcante dos processos revolucionários. Foi o que garantiu unidade em praticamente todos os levantes revolucionários. Se de um lado isso é algo positivo, futuramente pode se tornar um limite, pois reforça o nacionalismo. A China, por exemplo, percebeu a URSS como portadora de um novo imperialismo e passou a negá-la.

Dada as distintas posições acerca do balanço das experiências socialistas, o texto contribui também para aproximar os marxistas em função da necessidade de estudos, ao mesmo tempo em que serve como exercício ao desenvolvimento da crítica. Losurdo, ao criticar as categorias falência, autoimplosão e traição afirma a necessidade de se estudar, urgentemente, as experiências socialistas do século passado com outras categorias, que não sejam personificantes, mas que partam da análise dos fatos a partir da realidade concreta em que se desenvolveram, de forma a não se proclamar o elogio aos mártires e o desprezo aos revolucionários que foram obrigados a tomar decisões concretas, sob condições concretas.

Há necessidades de se complementar a leitura a partir de obras produzidas após os anos 90 e outras da própria época, de forma a construir uma análise mais completa do tema em questão. Sugere-se o texto “Problemas econômicos da URSS”, disponível em <http://www.hist-socialismo.com/docs/ProblemasEconomicosSocialismo.pdf>, escrito por ocasião da elaboração do Manual de Economia Política. Além deste, o site <http://www.hist-socialismo.net/>, o próprio “Manual de Economia Política” (1954), a História do PCURSS (1938) e a “História da URSS”, de Jean Elleinsten.

*Professor de Sociologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Membro do grupo de estudos “Marxismo Agrário”. E-mail: sidemarnunes@hotmail.com